

# A Ruminação de um Paquiderme. O que está acontecendo no Iraque?

Coronel (Res) John D. Waghelstein, Exército dos EUA

*A guerra de guerrilha é tão incompatível com os meios e costumes naturais de uma sociedade estável e próspera que o Exército dos EUA manifestou a tendência de considerá-la anormal e ignorá-la sempre que possível. Portanto, a cada nova experiência com as guerras irregulares é necessário que aprendamos novamente as técnicas apropriadas.*

— Russel F. Weigley<sup>1</sup>

**A**DIFICULDADE que os EUA estão enfrentando no Iraque não é surpresa. Parece que existe alguma coisa com o “DNA” do Exército que historicamente não o permite que se prepare de forma adequada para enfrentar os problemas de insurreição ou analisar estes conflitos, até que seja tarde demais.

Ao perder uma guerra, a maioria dos Exércitos começa outra vez o processo de planejamento e análise da situação — por exemplo, os alemães (depois da I GM). Em contraste, independente do resultado de uma guerra na qual participamos, nos concentramos no nível institucional da guerra convencional e recusamos analisar as exigências das “pequenas guerras”. Essas exigências podem ser resumidas na moderação durante as campanhas, na paciência em relação ao prolongamento do conflito e na necessidade de minimizar ao invés de maximizar a utilização da potência de

fogo para a obtenção de objetivos limitados.

Os recentes acontecimentos, entretanto obrigaram as Forças Armadas a reavaliarem o modo como realizam suas operações e agora se encontram no processo de combinar os três princípios das operações militares de não guerra — perseverança, moderação e legitimidade — em conjunto com os nove princípios tradicionais da guerra para criar uma categoria completamente nova composta de doze princípios de operações combinadas. De algum modo, para os veteranos dos conflitos anteriores é difícil admitir que a combinação desses princípios tenha sido ignorada durante muitos anos. O Exército reconhece, embora tardiamente, que sempre considerou importante a aplicabilidade desses três princípios das operações militares.

Mesmo assim, alguns membros do Exército insistirão em estabelecer uma diferença entre os princípios da suposta guerra tradicional e os da contra-insurreição, como se os conflitos da guerra de guerrilhas fossem aberrações que não deveriam ser abordadas pelo Exército. Essa opinião ainda persiste, embora a história demonstre claramente que a maioria das guerras norte-americanas tem ocorrido numa pequena esfera de ação.

Portanto, espero que as seguintes reflexões sejam uma recordação e um alerta, especialmente para os oficiais jovens, sobre os perigos que

podem resultar das predisposições estabelecidas na cultura das Forças Armadas, como tenho pessoalmente observado e experimentado. Espero que, de alguma maneira, estas recordações mantenham o Exército, tanto o atual como o do futuro, bem longe do beco sem saída no qual entramos muitas vezes no passado.

## Uma Autoridade Inquestionável

Início apresentando as minhas credenciais nesta área. Tenho trinta anos de experiência operacional em conflitos de baixa intensidade, operações especiais e apoio à segurança. Isto foi adquirido durante dois períodos de serviço no Vietnã e cinco na América Latina. Durante essas oportunidades fui comandante de unidades de forças especiais do Exército dos EUA em todos os níveis, dos destacamentos (capitão) até grupos (coronel).

***A dificuldade que os EUA estão enfrentando no Iraque não é surpresa. Parece que existe alguma coisa com o “DNA” do Exército que historicamente não o permite que se prepare de forma adequada para enfrentar os problemas de insurreição ou analisar estes conflitos, até que seja tarde demais.***

Também liderei uma equipe móvel de adestramento na República Dominicana, assessoriei um batalhão de infantaria aeroterrestre na Bolívia, comandi o Grupo Militar dos EUA em El Salvador e assisti o comandante-em-chefe do Comando Sul dos EUA. Fui ainda instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA, da Escola Superior de Guerra do Exército e da Escola Superior de Guerra Naval durante os últimos 15 anos. Fiz mestrado em Relações Internacionais pela *Cornell University* e Ph.D. em história pela *Temple University*. Como estudante e professor concentrei meus estudos e atenção principalmente

nas guerras de pequena escala, teoria militar, história militar americana e relações entre os EUA e a América Latina.

## A Atração pelas Guerras Grandes

Durante os meus trinta anos de experiência em contra-insurreição tive inúmeras oportunidades de encontrar líderes militares que acreditam que um guerreiro idôneo deve preparar-se principalmente para combater na próxima guerra convencional. Sua opinião é que todas as outras formas de combate são simplesmente secundárias. Acredito que essa opinião persiste mesmo quando o Exército tenha combatido, na maioria das vezes, contra forças irregulares, guerrilhas, patriotas, rebeldes e tribos nativas americanas e outros inimigos não convencionais. Esta ignorância histórica não é novidade. Começando com o General George Washington, o qual tinha um grande desinteresse pelas forças irregulares e as operações partisans, o Exército institucional teve de considerar principalmente as guerras de pequena escala como um desvio da tarefa principal de se preparar para combater em grandes operações convencionais.

Em razão dessa tendência, ao retornar do Vietnã — apesar de doze anos de envolvimento contínuo (guerra mais prolongada que a I GM, a II GM e a Guerra da Coréia juntas) — o Exército decidiu ignorar estes acontecimentos desagradáveis considerando-os inadequados para serem analisados, como se ignorando a experiência no Vietnã estivessem vacinados contra um novo engajamento em outros conflitos confusos e complicados. Conseqüentemente, as tropas convocadas para combater nas guerras de pequena escala dos EUA (após a Guerra do Vietnã) também tiveram que combater de maneira inovadora tendo de aprender e reaprender as lições de forma desorganizada, sem ter a oportunidade de aproveitar a doutrina modificada da contra-insurreição nem a educação formal do sistema educacional do Exército.

Mesmo quando iniciei uma carreira de três décadas que me proporcionaria uma experiência contínua nos supostos conflitos de baixa intensidade, percebi que havia algo profundamente errado: o sistema não parecia tirar proveito das lições dificilmente aprendidas sobre



Departamento de Defesa

*Soldados norte-americanos rapidamente desembarcam para completar o cerco de um batalhão vietcong durante uma operação perto de Saigon, 29 de julho de 1968.*

contra-atacar as insurreições, nem tampouco aparentava que queria fazê-lo. Vários exemplos demonstram o problema.

### **O Vietnã: uma Experiência Fracassada**

Quando voltei do Vietnã, após meu período de serviço em 1966, já tinha mais de quatro anos de experiência em operações de contra-insurreição, três anos na América Latina com o 8º Grupo de Forças Especiais e um ano com o 5º Grupo de Forças Especiais. Era o nosso primeiro ano de intervenção na guerra. Devido à minha capacidade e experiência, sabia que algum dia voltaria ao Vietnã. Então senti uma urgente necessidade de retornar ao Forte Benning, Geórgia, para tirar proveito do adestramento disponível para a infantaria leve. Queria desenvolver as técnicas profissionais que realmente empregaria na guerra — os homens sob o meu comando mereciam o melhor.

Naquela época o Forte Benning era o único lugar que proporcionava algum tipo de ades-

tramento relativo a insurreições para um oficial de Forças Especiais — o que verdadeiramente precisávamos para combater na guerra daquela época. Não obstante, a arma da Infantaria tentou me designar para o Forte Knox em Kentucky, para me preparar e fazer parte do “verdadeiro Exército na Europa”, onde predominavam a infantaria mecanizada e as unidades blindadas. Contudo, depois de muito insistir, voltei ao Forte Benning. Eu pensei que a lógica tinha finalmente predominado até o momento em que cheguei à Geórgia, onde dois acontecimentos demonstraram minha grande desconexão com a parte dominante das Forças Armadas, que não tinha a menor idéia a respeito da guerra no sudeste da Ásia.

Primeiro, apesar da nossa participação numa guerra real, muito pouco havia sido feito para adaptar o currículo às realidades do conflito que muitos dos alunos estariam se defrontando brevemente. A pouquíssima instrução ministrada aos alunos sobre guerras irregulares e insurreições foi filtrada por meio do “conhecimento convencional”. Em outras palavras, os instrutores trataram a

contra-insurreição como se fosse algum exercício de tática de pequenas unidades. Por exemplo, nos disseram que a complexa ameaça da subversão, de assassinato e de intimidação, disfarçada de vietcong entrincheirado e praticamente invisível, poderia ser resolvida ao “emboscar a infra-estrutura”. Como assessor de um subsetor/distrito que havia retornado recentemente, eu considerava este enfoque como criminosa imbecilidade e estava disposto a dizer bem claro a minha opinião.

Quase um terço dos alunos estiveram no Vietnã e os outros seriam desdobrados muito em breve. Um pequeno número que havia servido no Vietnã era da opinião que seria benéfico para os nossos colegas se apresentássemos algumas das nossas experiências, ao invés das oferecidas pelos instrutores, pois apenas alguns deles haviam estado no Vietnã. Portanto, decidimos oferecer alguns

***Parecia que as opiniões de alguns veteranos recentemente retornados de uma guerra prolongada — para a qual muitos de nós seríamos desdobrados em breve — foram facilmente ignoradas por aqueles que eram aparentemente responsáveis pelo nosso adestramento para esse conflito.***

seminários durante a hora do almoço sobre uma variedade de assuntos úteis como relações entre contrapartes, as realidades na República do Vietnã, o emprego de armas de fogo indireto nos pântanos, o verdadeiro papel do assessor, indicadores de atividades insurretas em vilas e assuntos afins.

Para realizar estes debates, obtive a autorização para usar uma sala de aula desocupada, anunciei o horário de forma extra-oficial e comecei a encher a classe com voluntários. As discussões foram muito concorridas e apreciadas. Os oradores convidados fizeram uma apresentação muito sincera, e por vezes irreverente, deixando a maior parte do tempo para perguntas. Havia uma sensação de urgência entre aqueles que seriam desdobrados pela primeira vez. As sessões pareceram muito úteis e

concorridas que decidi gravá-las caso alguém não tivesse comparecido a uma das conferências ou que quisesse vê-la outra vez.

Depois de aproximadamente um mês fui chamado por um dos assistentes do comandante e sabatinado sobre o programa. O “chefe” queria saber o que estávamos fazendo. Eu expliquei quais eram o nosso objetivo e os assuntos que estavam sendo apresentados providenciando uma lista para ele. Ele me perguntou se eu teria alguma objeção se algum representante do gabinete do comandante assistisse a uma das aulas, e eu respondi-lhe que sim. Eu comentei que os seminários eram realizados de uma maneira flexível e livre, dolorosamente honestos e talvez não muito sintonizados com a doutrina vigente. Expliquei que o objetivo era fornecer aos nossos colegas uma dose de realidade e que a presença de um representante do comando dificultaria o projeto. Então ele me pediu uma cópia das fitas o que eu prontamente providenciei.

À medida que se aproximava o dia da formatura, perguntei como as fitas estavam sendo recebidas e depois de certo tempo me disseram que eu poderia recolhê-las. Foi com certo temor que abri a caixa com as fitas (eram um modelo antigo) e dentro havia uma avaliação e críticas: “Fita nº1 — faixa 1: ruído de fundo.... Fita nº2 — faixa 3: nível de volume variável....” Eu já não tinha certeza se eu estava zangado ou se eu achava aquilo engraçado. Depois de todo esse rebuliço e preocupações com uma possível insurreição orquestrada contra a Escola de Infantaria e sua doutrina, eles estavam realmente preocupados em criticar tecnicamente as fitas e não o seu conteúdo.

Talvez eu devesse ter achado mais graça e me preocupado menos, porém percebi esse incidente mais como simbólico: Sem dúvida eles não levaram a sério a nossa presença nem o assunto abordado. Parecia que as opiniões de alguns veteranos recentemente retornados de uma guerra prolongada — para a qual muitos de nós seríamos desdobrados em breve — foram facilmente ignoradas por aqueles que eram aparentemente responsáveis pelo nosso adestramento para esse conflito.

## **O Ponto Fraco do Exército**

O segundo acontecimento que me convenceu que o Exército não estava levando muito a sério o negócio da insurreição foi a maneira como o Forte Benning se comportou em relação às



Departamento de Defesa

Os carros de combate M60, pertencentes ao 4º Batalhão da 63ª Divisão Blindada, são transportados por trens para participar no exercício Reforger III da OTAN, 6 de outubro de 1971.

críticas sobre o nosso processo de preparação e performance no Vietnã. O Capitão Phil Werbisky, um amigo de muitos anos e o oficial que em 1962 me inspirou para ingressar nas Forças Especiais, estava de volta depois de um período de serviço de três anos na República do Vietnã. Ele pertencia a uma turma anterior à minha e nunca se entendeu com o seu comandante, o qual se ofendeu com a proposta de um projeto: “O Fracasso do Esforço dos Assessores dos EUA no Vietnã.” A tensão era tão grande e a mentalidade predominante era tão obtusa que seu comandante lhe proibiu escrever mais sobre a ineficácia dos assessores.

Esse fato foi muito chocante. Eu já havia lido o rascunho do trabalho de Werbisky e considerei seus comentários e análises de grande valor para aqueles que levavam a sério o que deveria ser feito no Vietnã. Usei um estratagema e por fim consegui que seu ensaio fosse aceito e entregue àqueles que poderiam tirar proveito do mesmo. Para tal tive de reformular o ensaio e colocar outro título menos polêmico.

Coletei os dados usados nas pesquisas de Werbisky, entre eles as contribuições de Frank

Scotton — nosso perito do programa de Apoio de Operações Cívicas e de Desenvolvimento Revolucionário na República do Vietnã — e as de John Paul Vann, um crítico muito respeitado, mas mordaz, sobre a forma em que a guerra estava sendo conduzida. Empregando outras palavras, eu submeti outra vez o trabalho de Werbisky sob o título de “O Assessor do Subsetor do Exército dos EUA e a República do Vietnã.” É surpreendente o impacto que a mudança de um título pode ter num ambiente politicamente correto. O ensaio passou pelo sistema sem nenhum comentário. Infelizmente, apesar dos dados sólidos e da credibilidade dos contribuidores, ninguém parecia particularmente interessado nas conclusões sobre o fracasso na preparação de nossos assessores para o combate no nível distrital (pequeno escalão).

### Os Três Tipos de Força

Esses dois exemplos, segundo a minha opinião, caracterizam o modo castrense de pensar, numa condição de negação institucional, esperando que a pequena guerrinha “repulsiva” do Vietnã, simplesmente desapareça. Conseqüentemente, o

programa de adestramento do Exército carecia de um enfoque apropriado, era disfuncional com um método de análise difícil de entender. Acabamos por enviar três tipos de forças para a Guerra do Vietnã: unidades regulares, de forças especiais e assessores para o Comando de Apoio Militar Vietnã.

**As unidades de combate regular.** Essas unidades eram organizadas, equipadas e adestradas para combater uma grande guerra convencional na Europa. Os tomadores de decisões dos EUA presumiram que estas forças seriam capazes de conduzir uma guerra de guerrilha, sem armas nucleares, com um baixo nível de tecnologia e de forma convencional nas selvas do sudeste da Ásia. Com esses dados em mente, eles enviaram grandes unidades de combate, de alto custo e grande poder de destruição para o Vietnã, partindo da

***Deixando de lado as lendas românticas e as imagens hollywoodianas, as forças especiais contavam com um número limitado e insuficiente de tropas em relação à magnitude da missão para afetar seriamente o curso da guerra.***

premissa falsa que essas unidades podiam, apenas com uma potência de fogo superior e mobilidade, derrotar uma força guerrilheira pobremente armada, apoiada por uma força convencional de terceira categoria do Vietnã do Norte.

**As Forças Especiais.** O segundo grupo, constituído pelas forças especiais, estava bem preparado para executar sua missão de liderar os membros da tribo Montgnard e outras minorias indígenas para conduzir operações especiais e de interdição nas regiões limítrofes do Laos e Camboja. Entretanto, deixando de lado as lendas românticas e as imagens hollywoodianas, as forças especiais contavam com um número limitado e insuficiente de tropas em relação à magnitude da missão para afetar seriamente o curso da guerra.

**Os assessores do Comando de Apoio Militar Vietnã.** O terceiro grupo consistia de dois tipos: assessores no nível subsetor/setor e aqueles desig-

nados para as unidades de combate vietnamitas. Na minha opinião, esses homens eram a chave da vitória, não obstante nunca terem sido completamente empregados nem equipados.

Entre esses dois tipos, os assessores da unidade estavam mais bem preparados porque suas missões eram de natureza militar. O êxito do assessor de uma unidade de combate dependia de sua habilidade de prover apoio aéreo e de artilharia. O assessor do subsetor/setor tinha a missão mais difícil para a qual não estava bem preparado. Os chefes dos setores e subsetores vietnamitas ocupavam importantes missões políticas. Eles travavam uma guerra total no terreno, enfrentando uma miríade de tarefas, das quais somente 20% eram de natureza puramente militar.

Os assessores dos chefes eram limitados pelos regulamentos para prestar apoio apenas na área militar das missões. Dessa forma, mesmo que o rendimento de um assessor tivesse 100% de eficácia, eles somente podiam apoiar parcialmente seus colegas vietnamitas. O enfoque do esforço dos assessores americanos neste nível político/militar crucial concentrou-se essencialmente nos aspectos militares até 1967, quando o Embaixador Robert W. Komer estabeleceu o programa de Apoio às Operações Cívicas e de Desenvolvimento Revolucionário.

A nossa participação para assessorar os chefes de distritos vietnamitas foi uma idéia tola. Em 1965 eu comandeie o destacamento de Forças Especiais em Khe Sanh, com uma tarefa adicional de assessorar o subsetor do distrito. Minha posição era auxiliar meu contraparte a combater essa guerra. Isso significava potência de fogo, apoio aéreo e “negócios do Exército”. Fui avisado pelo chefe do setor do Comando de Apoio Militar Vietnã para não me intrometer na parte não militar da guerra, porque não fazia parte do regulamento e caso eu me intrometesse na parte política da guerra eu estaria em maus lençóis, correndo o risco de ver minha carreira prejudicada.

Meu contraparte era um major do Exército Vietnamita e um dos melhores oficiais com quem servi. Ele não apenas trabalhava muito bem com a população Montagnard, mas também não tinha os preconceitos usuais encontrado nos vietnamitas das terras baixas contra os das montanhas. A sua administração de um distrito foi a melhor que vi durante os meus dois períodos



Departamento de Defesa

*Soldados do Exército dos EUA se preparam para realizar uma busca numa casa em Samarra, Iraque, 2 de outubro de 2004.*

de serviço no Vietnã. Ele convocou o chefe dos Montagnard para ser o seu subcomandante, que trabalhou arduamente para resolver problemas sociais, políticos e econômicos e transformou o distrito de Khe Sanh num lugar perigoso para os vietcong. Ele também me instruiu sobre os pormenores da contra-insurreição no nível básico. Eu havia retornado da América Latina, após três anos de contra-insurreição, onde os insurretos demonstraram uma estupidez crônica e servil ao seguir fielmente os modelos de Che Guevara e Fidel Castro. Eles só podiam ser derrotados por unidades melhores e mais bem adestradas. No sudeste da Ásia estávamos lidando com um oponente esperto, bem organizado e altamente motivado. A contra-insurreição no Vietnã foi uma situação bem diferente. Ela exigia a aplicação de todos os elementos do poder nacional, e não apenas os das Forças Armadas.

Portanto, eu aprendi muito mais com o oficial que eu deveria assessorar do que ele jamais aprendeu comigo. O que eu aprendi com essa experiência foi que o Exército dos EUA não estava realmente interessado em ir além dos

aspectos puramente militares (se é que existe tal coisa) da contra-insurreição.

Minha experiência no Forte Benning me convenceu que tínhamos grandes problemas, não apenas pela orientação convencional do programa de estudos, mas também devido ao enfoque incorreto do Exército a respeito da Guerra do Vietnã. Cheguei à conclusão que: os assessores não faziam parte da primeira equipe como era devido; os aspectos não-militares do conflito deixaram de ser parte das nossas obrigações e havia uma suposição geral de que as unidades de combate dos EUA iriam vencer a guerra primordialmente pela potência de fogo.

### **De Volta à Escola**

Após a formatura, tive a sorte de ser enviado novamente para a América Latina para tentar mais uma vez combater os “castritas”. Fui, ao mesmo tempo, assessor de um batalhão aeroterrestre boliviano e instrutor de uma escola equivalente à nossa Escola de Infantaria. Servi como oficial de operações na 8ª Força de Ação Especial no Panamá e comandi o 9º Batalhão de Operações

Psicológicas, também na Zona do Canal. Regressei mais uma vez ao Vietnã para outro período de serviço e, posteriormente, mais um outro no Panamá.

Em 1977, solicitei e fui nomeado instrutor na Escola de Comando e Estado-Maior no Forte Leavenworth. Levando as minhas experiências anteriores relacionadas ao preconceito institucional contra as instruções de contra-insurreição, assumi a responsabilidade daquele minúsculo fragmento do programa de estudos ainda dedicado à contra-insurreição (embora naquele então, o curso havia mudado o nome para Conflito de Baixa Intensidade). Nessa época, os Estados Unidos já haviam saído do Vietnã. Mesmo tendo gasto mais material bélico do que durante a II Guerra Mundial para obtermos potência de fogo “decisiva”, deixamos os nossos aliados à mercê do Vietnã do Norte e saímos desacreditados.

***Não temos nenhuma dúvida de que perderemos no Iraque, a não ser que façamos todo o possível, sem perda de tempo, para aplicar as lições aprendidas sobre como vencer as pequenas guerras.***

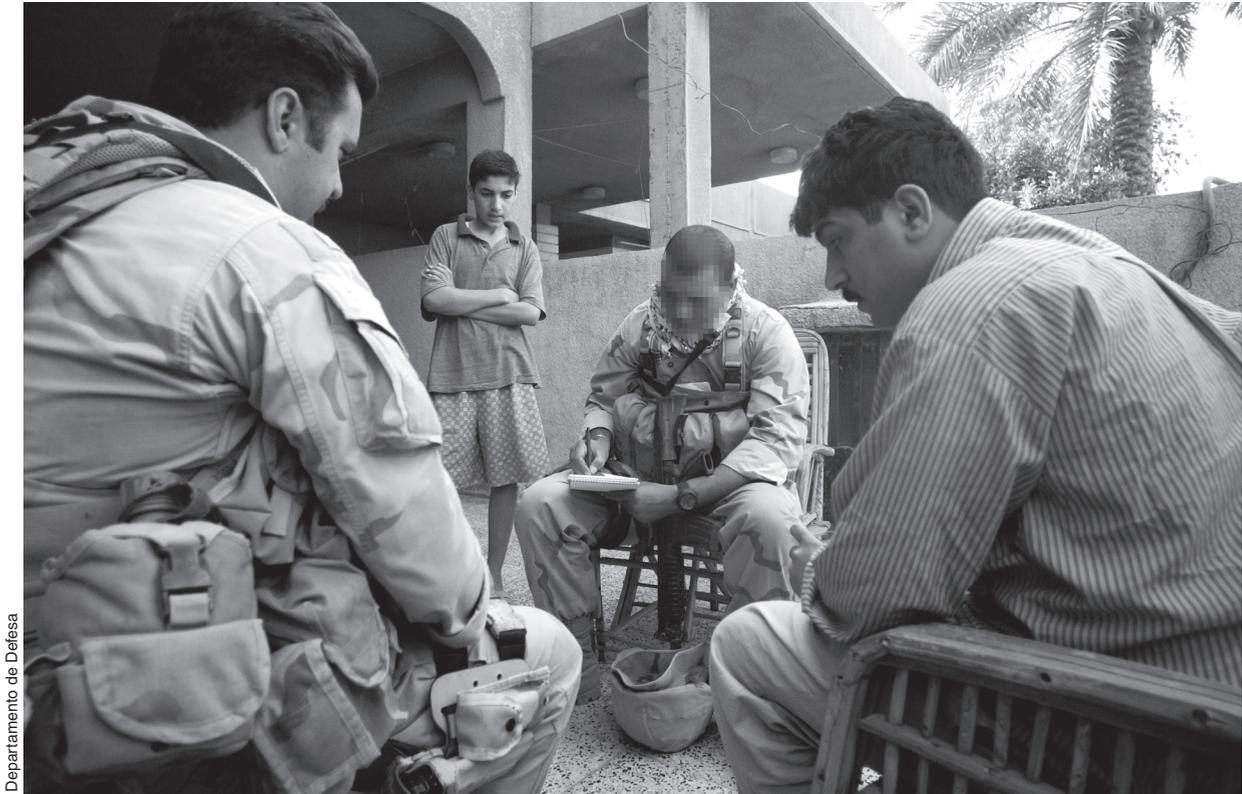
As instruções sobre conflito de baixa intensidade na ECEME/EUA em 1977 consistiam de apenas 40 horas num currículo de 100 horas de instrução revelando o interesse do Exército neste nível. Os instrutores do conflito de baixa intensidade eram apenas um grupo de coadjuvantes, sem ameaçar o grupo da doutrina da batalha ar-superfície do General Don Starry, e praticamente estávamos relegados a um segundo plano. Baseávamos nossa instrução no minúsculo livro de Jeffrey Race *War Comes to Long An* e enfocávamos o Terceiro Mundo como nosso campo de batalha do futuro.<sup>2</sup> Analisávamos modelos de insurgências, falávamos os dialetos “Mao” e “foco” e assim mantínhamos a chama acesa.

Nossa equipe de conflito de baixa intensidade contava com peritos, o que nos dava certa credibilidade para acessar os cenários futuros. O comandante, General Robert Arter, gostava de

nossas apresentações e nos permitia trabalhar superficialmente com nossa pequena parte do currículo. Contudo, essa liberdade não durou muito. Com a chegada do General William Richardson, em 1979, a instrução sobre conflito de baixa intensidade foi reduzida para 9 horas, a doutrina da batalha ar-superfície dominava o restante e a nossa experiência a respeito do Vietnã e de contra-insurreição foi absolutamente ignorada.

**Um lento despertar.** A síndrome de pós-Vietnã aconteceu de uma forma estranha. Nos anos seguintes ao fim da guerra, a crítica resultante do enfoque do Exército sobre a grande guerra europeia não era muito evidente. O mesmo acontecia com os periódicos profissionais do Exército e com as matérias ensinadas nas suas instituições educacionais. Entretanto, à medida que a guerra desaparecia da consciência e do currículo do Exército e os movimentos guerrilheiros aumentavam pelo mundo, ocasionalmente surgia um artigo que criticava aquela situação. Eles eram mesmo uma raridade até a redescoberta da Guerra do Vietnã na década de 80. Com essa redescoberta começaram a surgir, outra vez, artigos nos periódicos profissionais e em alguns meios da mídia que criticavam as Forças Armadas por não terem treinado e instruído suas tropas para enfrentarem os desafios mais prováveis: aqueles que emergiam do final do conflito.

A falta de entendimento e preparação para a Guerra do Vietnã foi tema do livro escrito por Komer: *The Bureaucracy Does Its Thing* onde ele escreveu: “O que fizemos no Vietnã não pode ser totalmente entendido a não ser que seja considerado como uma função do emprego do nosso repertório militar, isto é, fazendo o que tínhamos experiência e éramos mais capazes de fazer. Nossa resposta foi o resultado das restrições institucionais que regeram o objetivo geral do adestramento, equipamento e a estruturação de nossas Forças. O fato de que a doutrina, as táticas, o equipamento e a organização das Forças Armadas foram preparadas principalmente para as guerras de tipo contingências da OTAN e da Guerra da Coreia — conflito convencional intenso num ambiente militar relativamente sofisticado — dificultou a realização de qualquer outra coisa.”<sup>3</sup> Daí em



Departamento de Defesa

Um soldado norte-americano entrevista um aldeão com a ajuda de um intérprete no Iraque, 2005.

diante começaram a aparecer outros trabalhos sobre pequenas guerras, sendo o melhor deles *The Army and Vietnã*, no qual o Major Andrew Krepinevich demonstra em detalhes o fracasso do Exército para adestrar e equipar seus soldados para combaterem a guerra em curso.<sup>4</sup>

### De Volta para a Grande Guerra

Embora o Exército não tenha dado muita atenção às lições aprendidas sobre contra-insurreição em geral e sobre o Vietnã em particular, no final da década de 70 e início da década de 80 a constante evidência do apoio soviético para a revolução de populações em lugares como a África, a Ásia e a América Central, permitiu a nós “praticantes do *oculto*” alguma esperança de que essa importante área de estudo não fosse totalmente ignorada. Após a queda do muro de Berlim, a União Soviética se desmantelou e Cuba parou suas intensas atividades de exportação, o que nos fez pensar que a obsessão para se preparar para conflitos convencionais de grandes proporções seria reduzida.

A arraigada visão de que lutar contra-insurreições era uma “distração tola daquilo que

realmente fazem os exércitos verdadeiros” persistiu mesmo diante das mutantes circunstâncias globais. Eventos subseqüentes reforçaram ainda mais essa predisposição, e a Operação *Desert Storm* legitimou o que passou a se chamar “o estilo americano de lutar”. Os periódicos profissionais, em particular os relacionados ao poder aéreo e à doutrina da batalha ar-superfície elogiaram o “caminho em direção ao futuro” e declararam que “assim é que se deve combater a guerra”.

### Os Prognósticos

Então qual é o prognóstico da contra-insurreição hoje em dia? Faz muito tempo que a cortina de ferro caiu, não estamos sendo ameaçados por outra potência e, ainda assim, nos encontramos de novo encarniçados numa violenta insurreição, mal preparados em muitos aspectos para lidar com uma miríade endêmica de problemas próprios desses conflitos. Em grande parte, isso está radicado na opinião institucional das Forças Armadas que parecem ainda pensar que os conflitos atuais são meramente distrações

temporárias de algum engajamento futuro com um inimigo ainda indeterminado.

Enquanto isso, as realidades atuais e até mesmo nossas experiências recentes são preocupantes. Essas guerras matam soldados e fuzileiros navais, sem mencionar um grande número de civis, o que significa uma erosão evidente do apoio e da vontade popular observados anteriormente no Vietnã. Não temos nenhuma dúvida de que perderemos no Iraque, a não ser que façamos todo o possível, sem perda de tempo, para aplicar as lições aprendidas sobre como vencer as pequenas guerras.

**As Reações das Escolas Militares.** As Forças Singulares devem perguntar-se: “Quais os planos de nossas escolas para preparar nossos comandantes e tropas para vencerem, não somente as guerras do futuro, mas esta na qual nos encontramos *agora*?” As respostas a essa pergunta me preocupam muito.

O principal sinal de autenticidade de nossos líderes levarem a sério qualquer assunto é o número de horas que são destinadas nos currículos escolares. Esta observação é resultante da minha experiência como mentor e professor, ao procurar preparar os meus camaradas soldados para a Guerra do Vietnã e os conflitos na América Latina. Aqueles que freqüentam os cursos eletivos — porque os consideram interessantes e úteis — já demonstram um interesse pela matéria e não precisam ser convencidos. Além disso, os alunos, com freqüência, consideram esse tempo na escola como oportuno para se dedicarem ao descanso com a família e à recuperação depois de um desdobramento, por isso é natural escolherem cursos eletivos dos quais já possuem algum conhecimento para garantirem bons resultados escolares com pouco esforço. A grande maioria dos alunos escolhe cursos sobre o combate convencional. Conseqüentemente, os cursos eletivos sobre contra-insurreição serão inerentemente ignorados.

**O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) na Vanguarda.** Na minha opinião, a Escola de Guerra do CFN e a Escola de Estado-Maior do CFN abordam as necessidades urgentes do campo de batalha atual e os requisitos relacionados a um ambiente escolar castrense. Em novembro de 2005, a Escola de Guerra do CFN apresentou um curso de dois meses que incluía

69 horas de análise das pequenas guerras, insurreições e terrorismo. A Escola de Estado-Maior do CFN está transformando visivelmente todo o seu currículo principal, exigindo agora mais de 170 horas, de um total de 765, para a análise de pequenas guerras. Ao mesmo tempo, todos os fuzileiros têm de participar em mais de 300 horas de aula no idioma árabe. Enfatizo que essa instrução é obrigatória; são exigências principais para todos os fuzileiros navais que atendem os cursos.

As demais Forças Singulares devem reformular o programa de estudos de suas próprias escolas de forma semelhante, para adequá-los às ameaças de contra-insurreição que enfrentamos hoje. Por ter sido toda a vida um defensor do Exército e de seus soldados, sugiro respeitosamente que a nossa Força estabeleça a condução de pequenas guerras como a matéria principal do programa de estudos em todas as escolas e fontes de informações, conduzindo uma reforma séria para alcançar a vitória na guerra atual.

## **Mudar ou Ser Obrigado a Mudar**

Seria esperar muito que as Forças Singulares, por si mesmas, pudessem identificar e corrigir tais problemas. Novamente, a história nos ensina uma lição. Em meados da década de 80, as Forças Singulares, incluindo o Exército, que estavam orientadas para a guerra convencional, lutaram arduamente contra as reformas legislativas propostas pelo Subsecretário de Defesa de Operações Especiais e Conflitos de Baixa-Intensidade e pelo Comando de Operações Especiais dos EUA. O Congresso teve que intervir e impor estas reformas cruciais para as intransigentes Forças Singulares. Os eventos posteriores demonstraram que estas reformas foram absolutamente necessárias para enfrentar o aumento da quantidade de inimigos implacáveis, tais como aqueles que combatemos atualmente no Afeganistão e no Iraque. Não obstante, o passar do tempo demonstra que essas reformas, tão radicais quando implementadas, não foram suficientes para nos permitir derrotar rapidamente os nossos novos inimigos. Portanto, ao serem confrontadas pelos fracassos contínuos no campo de batalha, provavelmente resultantes do emprego de comandantes intermediários mal preparados, as lideranças das Forças Armadas

não deverão se sentir chocadas nem surpresas quando o Congresso intervier e exigir algumas modificações necessárias para reformar os currículos das escolas militares.

As informações relativas à nossa falta de preparação são numerosas em toda a história do Exército. Isso devido à apatia institucional e à nossa falta de perspectivas, ao longo de várias gerações. Infelizmente, esta tendência histórica é ainda evidente nas Forças armadas de hoje. Antes dos atentados terroristas de 11 de setembro, os militares poderiam ter apresentado o argumento convincente que, devido à falta de qualquer inimigo específico, talvez fosse melhor dedicar-se a combater um inimigo do pior tipo possível, na próxima grande guerra. Mas o luxo do tempo de paz já passou. Os pontos desagradáveis e a urgência das pequenas guerras (em que estamos atualmente envolvidos) cada vez mais demonstram que estas guerras não são atrações secundárias, mas a principal desta geração. Alguns afirmam que já estamos perdendo por não termos iniciado reformas suficientemente rápidas. O atual ambiente operacional exige a transformação imediata do nosso sistema educacional, dos programas de adestramento e da doutrina, para nos focalizarmos nas pequenas guerras.

### Uma proposta modesta

Eu gostaria de apresentar uma modesta sugestão. Nós devemos aceitar que, no passado, os EUA tiveram dificuldades para transferirem suas prioridades das guerras convencionais para abordarem os aspectos desagradáveis do conflito de baixa intensidade. Definir o problema poderia ser de grande ajuda. Antes de se envolver em qualquer tipo de missão, o primeiro passo seria descobrir a natureza do nosso engajamento no conflito. Por exemplo, deveríamos nos perguntar: Essa insurreição pertence à outra nação, como El Salvador por exemplo, ou é uma que devemos defender nossos interesses nacionais, tal como foi a insurreição nas Filipinas?

Temos de fazer esta distinção para determinar quem pagará as contas e de quem será o sangue

derramado. Este tipo de determinação pode auxiliar a esclarecer como devemos prosseguir. Se formos o ator principal numa insurreição que pertence a outros, teremos que ter ânimo para agüentar algumas experiências virulentas até que nossos anfitriões tenham desenvolvido uma motivação suficiente para abordar as causas principais e combatam por sua conta e risco. Por outro lado, se estivermos em condições de ajudar, assessorar e apoiar o nosso anfitrião na condução da sua guerra, deveremos estabelecer uma influência forte e não sermos temerosos em usá-la para insistir que nosso anfitrião cumpra as tarefas difíceis (por exemplo: reformar e combater de forma mais inteligente).

Em qualquer dos casos, o problema é, e sempre foi, analisar corretamente a situação antes de prescrever a cura. Estas pequenas e prolongadas guerras, como a Segunda Guerra Seminole, a Insurreição Filipina e o Vietnã criaram dificuldades dentro do nosso país e no campo de batalha. Analisar estes conflitos antes de se comprometer-se pode proporcionar grandes benefícios.

Para conduzir análises e auxiliar o estudo das insurreições e das contra-insurreições veja a análise na folha analítica deste artigo, que pode nos ajudar, ou a qualquer outro, a considerar uma insurreição como algo mais além do processo de estimativa do comandante para operações convencionais de combate. Deveria servir como uma ferramenta que, pelo menos, represente o princípio do desenvolvimento de modelos mais sofisticados. **MR**

---

### Referências

1. WEIGLEY, Russell F., *The History of the United States Army* (Nova York: MacMillan Publishing Company, 1967) p. 161
  2. RACE, Jeffrey, *War Comes to Long An* (Berkeley: University of California Press, 1972)
  3. KOMER, Robert W., *The Bureaucracy Does Its Thing: Institutional Constraints on US-GVN Performance in Vietnam* (Santa Mônica, Califórnia: Rand Corporation, R-967-ARPA, 1972), p.45
  4. KREPINEVICH, Jr., *The Army and Vietnam* (Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1988).
- 

*O Coronel John D. Waghelstein é instrutor da Escola de Guerra Naval em Newport, Rhode Island. Possui os títulos de Bacharel pela Western Maryland College, Mestre pela Cornell University, e Ph.D pela Temple University, bem como o Curso de Comando e Estado-Maior dos EUA. Desempenhou várias funções de comando e estado-maior das Forças Especiais no Panamá, El Salvador, Bolívia, Vietnã e no território continental dos EUA.*

# A ANÁLISE DA CONTRA-INSURREIÇÃO

## Os Temas

- ✦ Quais são as queixas da população? Elas são válidas?
- ✦ Quais são as razões para esse descontentamento?
- ✦ As queixas apresentadas pelos insurretos são as mesmas da população? Compare estas queixas com as opiniões dos contra-insurretos e do governo.
- ✦ O governo tem realmente se esforçado para tratar desses assuntos?

## Os Objetivos Estratégicos

- ✦ Qual é o resultado desejado pelos insurretos?
- ✦ Quais objetivos políticos, sociais, econômicos e religiosos têm sido articulados?
- ✦ Existem outros objetivos supostos que ainda não foram explicitados?

## As Forças Catalisadoras

- ✦ Qual é a composição social, política, religiosa e cultural da liderança insurreta? E a da população? Há diferenças? Essas diferenças são cruciais?
- ✦ Há mais grupos de insurretos? Caso exista, trabalham de maneira coordenada ou não?
- ✦ Como está organizada a insurreição? Quais os pontos fortes da organização?
- ✦ Existe alguma diferença entre os elementos políticos/de liderança e os elementos coercivos?
- ✦ Existem divisões ou debilidades dentro ou entre as organizações insurretas?
- ✦ Existem organizações rivais de mobilização social/política?

## A Legitimidade

- ✦ Quais os esforços realizados pelos insurretos para estabelecer ou manter a legitimidade? Qual tem sido a resposta da população? E da comunidade internacional?
- ✦ Quais os esforços realizados para internacionalizar o conflito? Qual tem sido a resposta para estes esforços?

## Apoio (o Centro de Gravidade)

- ✦ Até que ponto a insurreição depende do apoio da população local? Que tipo de apoio é provido pela população? Esse apoio é um reflexo da identificação popular com os objetivos dos insurretos?

- ✦ Existem outros fatores étnicos, religiosos, raciais ou tribais? Esse apoio é essencial para a insurreição?
- ✦ Esse apoio é voluntário ou forçado? O apoio popular doméstico é vulnerável à interdição?
- ✦ De que forma a geografia e a demografia afetam a distribuição do apoio; isto é, o apoio é diferente entre as áreas urbanas e rurais? Certas regiões oferecem mais apoio do que outras?
- ✦ A insurreição conta com o apoio externo? O apoio externo é crítico para a manutenção ou o êxito da insurreição? Esse apoio é vulnerável à interdição?
- ✦ Qual é a estrutura financeira da insurreição? Há oportunidades para a insurreição?
- ✦ Como os insurretos estão armados?

## As Forças Coercitivas

- ✦ Qual é a estratégia coercitiva da insurreição? Quais são os pontos fortes e fracos inerentes à insurreição?
- ✦ Que tipos de força/coerção os insurretos empregam (guerra de guerrilha, terrorismo, táticas, armamentos, etc.)?
- ✦ Qual é o efeito coletivo da atual força/coerção empregada pelas forças de contra-insurreição?

## Outros Fatores (tempo e espaço)

### ✦ A história

- ❖ Quando começou a insurgência?
- ❖ Existe alguma experiência ou legado de insurreições anteriores na área de operações, país ou região?
- ❖ Quais as implicações desse legado?

### ✦ O ambiente (espaço)

- ❖ Quais são os fatores principais de espaço? Por exemplo: aspectos geográficos, topográficos, climáticos e afins?

### ✦ As Relações Públicas

- ❖ Qual é a situação das relações públicas?
- ❖ Quem está fazendo o quê nesse cenário?
- ❖ Quais mecanismos sendo empregados (imprensa, televisão, rádio, outros)?
- ❖ Quem está vencendo a campanha de informação/propaganda?

### ✦ Outros Assuntos

- ❖ Há outros fatores/variáveis/assuntos que devem ser incluídos nesta análise?